



A invenção do bairro (periférico) na literatura portenha: o caso Evaristo Carriego¹

*Claudio Celso
Alano da Cruz*

Resumo

O artigo busca refletir preliminarmente sobre o modo pelo qual podemos conceber a representação literária do bairro tomando como ponto de partida a obra de Evaristo Carriego, que ficou conhecido na Argentina como aquele que inventou o “arrabalde portenho” enquanto representação literária.

Palavras-chave: Evaristo Carriego; Buenos Aires; bairro; *Arrabal*.

Abstract

This paper intends to make a first discussion about neighborhood's literary representation, which has – in Argentine case – in Evaristo Carriego's poetry its beginning. This writer has been known in Buenos Aires as the “arrabal” literary representation's creator.

Keywords: Evaristo Carriego; Buenos Aires; neighborhood; *Arrabal*.

¹ Este artigo foi apresentado, em 12 de novembro de 2009, no *Congreso Internacional “Ciudades Latino-americanas. La utopía intelectual en una geografía inestable”*, realizado na Facultad de Filosofía y Letras de la Universidad de Buenos Aires (UBA). Além de traduzido para o português, foram feitas pequenas alterações para melhor adaptá-lo ao contexto brasileiro.

“Hasta el siglo XIX no era común que un poeta utilizara una ciudad como tema”², afirma Horacio Salas em livro publicado no ano de 1968. Menos comum ainda seria encontrar um poeta que se dedicasse a representar um bairro. Mas, sabe-se, Buenos Aires encontrou esse poeta na figura de Evaristo Carriego, logo depois de encerrado aquele século XIX. Refiro-me aos 11 poemas da seção intitulada “El alma del suburbio”, do livro *Misas herejes* (1908), e a todos de *La canción del barrio* (1913). Mas antes de Carriego, algumas observações de caráter histórico.

No âmbito da literatura argentina, a representação urbana já constituiu matéria de uma considerável tradição, contando com algumas obras e/ou autores estabelecidos como “clássicos” nessa área. Sem dúvida que, nesse sentido, constata-se uma clara preponderância da geração vanguardista de, entre muitos outros, Raul González Tuñón, Oliverio Girondo, Leopoldo Marechal e, principalmente, Jorge Luis Borges. Esse autor, em particular, foi se transformando, ao longo do tempo e junto com o contínuo crescimento da sua reputação internacional, no representante por excelência da literatura argentina em geral e da literatura portenha em particular.

Mas, em relação à representação do bairro na literatura, o que pode ser dito? No que se refere à literatura portenha, ela foi particularmente exuberante. Aqueles autores vanguardistas antes citados se ocuparam consideravelmente do bairro, do arrabalde, enfim, das zonas periféricas, assim como outros companheiros da sua e das gerações seguintes. Mas a verdade é que, do ponto de vista da crítica, essas representações sempre foram vistas muito mais como *representações urbanas*, no sentido geral, do que propriamente *representações barriais*. Ou seja, não se criou, no âmbito da crítica, instrumentos para uma análise mais equipada teoricamente, digamos assim, para se pensar a representação literária do ponto de vista estritamente barrial. Começando pelo próprio fato de que até há pouco tempo nem mesmo uma definição minimamente consensual de *barrio* existia, e não só no campo literário.

No entanto, nos últimos anos um campo investigativo parece estar ganhando destaque. Refiro-me a pesquisadores de áreas variadas que vêm se dedicando ao estudo de um espaço determinado da cidade, qual seja, o bairro. Autores como Ariel Gravano, Liliana Barela, Mario Sabugo, Angel Prignano, para só citar alguns, têm trazido inúmeros aportes para uma melhor compreensão do fenômeno *barrio*, a partir das mais variadas perspectivas. Da perspectiva do campo literário, creio que muita coisa ainda está para ser feita, sendo que uma primeira pergunta que podemos formular é a seguinte: **como podemos pensar a representação literária do bairro?** E, numa primeira tentativa para respondê-la, seria conveniente voltarmos a Evaristo Carriego, aquele que não por acaso ficou conhecido como o “cantor do arrabalde portenho”, tornando-se um autor paradigmático quando o assunto é arrabalde, subúrbio, bairro.

Convém deixar claro de início que levaremos em conta apenas os poemas daquela que a crítica tem chamado de sua segunda fase, dedicada a representar o bairro de Palermo, então uma zona periférica de Buenos Aires. E, ao dizer isso, é oportuno salientar que o poeta argentino não dedicará um verso sequer às zonas centrais da Buenos Aires que então se modernizava num ritmo vertiginoso, mas estará atento apenas às suas chamadas *orillas*, zonas marginais da cidade, que também se encontravam, natural-

2 SALAS, Horacio. *La poesía de Buenos Aires*. Buenos Aires:Pleamar, 1968. p. 11.

mente, submetidas a grandes transformações.

Outro dado também a destacar é que toda a sua produção literária foi estritamente urbana, mais particularmente, suburbana. Jamais escreveu uma linha sequer voltada ao campo. Não deixa de ser surpreendente que um poeta ignorasse tão completamente o campo, num país como a Argentina onde, até hoje, ele tem uma considerável importância.

Do ponto de vista formal, Carriego estará operando, naquele início do século XX, uma espécie de volta a um texto mais afeito ao estilo realista, direto, um retorno ao discurso cotidiano, à expressão simples e vulgar. Estava reagindo aos excessos de uma literatura *fin-du-siècle* marcada pelo artificialismo, pelos temas exóticos e por um distanciamento da vida real de todos os dias. O próprio Carriego escreveu seus primeiros poemas neste ambiente rarefeito e aristocratizante. Mas irá encontrar a sua voz, como toda a crítica sempre apontou, ao descer dessa “torre ebúrnea” para as ruas. No seu caso específico e concreto, para as ruas de Palermo, um bairro em plena expansão de uma cidade que crescia a olhos vistos, impulsionada, em especial, pelo que ficou conhecido como sendo um “aluvião imigratório”.³

Assim, Carriego dirigiu toda a sua atenção – e de forma exclusiva, como já dito – para as zonas periféricas da cidade, as chamadas *orillas* de Buenos Aires. A seção “El alma del subúrbio”, do livro *Misas herejes*, abre com o poema de mesmo título, uma espécie de panorama de um dia no subúrbio, da manhã até a noite. Trata-se de uma composição relativamente longa (56 versos), onde o autor introduz temas e personagens que serão trabalhados mais detidamente nos 10 poemas seguintes da seção: “La viejecita”, “El guapo”, “En el barrio”, “Residuo de fábrica”, entre outros. Apenas como exemplo, vejamos as primeiras duas estrofes desse poema introdutório:

El gringo musicante ya desafina
En la suave *habanera* provocadora,
Cuando se anuncia a voces, desde la esquina,
“el boletín – famoso – de última hora”.

Entre la algarabía del conventillo,
Esquivando empujones pasa ligero,
Pues trae noticias, uno que otro chiquillo
Divulgando las nuevas del pregonero.⁴

Na sequência do poema vão entrando em cena os demais tipos do bairro: o operário, a costureira, o jogador, o dançarino de tango, a moça tuberculosa, o vigilante etc... Ao final da composição, já noite fechada, retorna aquele “gringo musicante” presente na abertura, pela manhã. Temos, assim, a síntese de um dia no subúrbio, visto de forma clara e objetiva. Trata-se de um *tableaux* do tipo baudelaireano voltado para o *arrabal*, no caso um *tableaux* palermitano. O hoje cosmopolita bairro de Palermo tem nesse poema, pode-se dizer, a sua certidão de nascimento do ponto de vista simbólico.

³ Em relação ao chamado “aluvião imigratório” ocorrido em Buenos Aires em torno de 1900 existe uma extensa bibliografia. Cabe apenas destacar aqui que, em termos numéricos, não houve nada comparável no período, exceto a corrente imigratória que se dirigia para Nova Iorque.

⁴ CARRIEGO, Evaristo. *Obra completa*. Org. Marcela Ciruzzi. Buenos Aires:Corregidor, 1999. p.82.

É importante destacar que Carriego tinha à sua frente uma Buenos Aires que já ultrapassara há muito um milhão de habitantes. Ocorre que o poeta, embora frequentador do Centro e participante ativo da já intensa vida cultural dessa grande cidade, optou por representar exclusivamente o bairro onde morava. O crítico Leoncio Gianello considera que Carriego se posicionava “entre las luces del centro y las penumbras de los barrios humildes”⁵. Já Roberto Giusti lembrava que “hombres del *centro*, le escuchábamos encantados, como si nos contase fábulas de un lejano y extraño país”.⁶

Esses e outros depoimentos esclarecem muito sobre certos procedimentos e determinadas escolhas decisivas, além de originais, de Carriego. Ele gozou de uma aceitação muito grande no seu meio literário e obteve a admiração daqueles “hombres del centro”, habitués do mais destacado cenáculo da época em Buenos Aires, o café *Los inmortales*, como ficou conhecido.⁷

Portanto, sua opção pelas *margens* da cidade não deve ser considerada como algo que tenha sido imposto ao provinciano de Entre Rios⁸ por um talvez hostil meio metropolitano, pelo contrário. O motivo devia estar em outro lugar, e uma das hipóteses mais interessantes a respeito nos foi dada pelo crítico Juan Carlos Ghiano:

Mientras las calles del centro cada jornada se parecían más a las de las grandes capitales europeas, las del barrio donde vivía Carriego se quedaban en un esquema quasi provinciano, permitiendo al poeta la añoranza de la casi desconocida ciudad de su nacimiento, y también de La Plata, donde pasó años infantiles.⁹

A observação de Ghiano, vista de uma perspectiva do mundo globalizado de hoje, é notável. É como se Carriego, de origem provinciana, intuitivamente, tivesse, do ponto de vista poético, “estacionado” nas *orillas* de Buenos Aires. Como se permanecesse, em essência, no que Borges chamaria de o “indefinible arrabal”, querendo significar com isso um espaço que não é mais campo, mas ainda não é propriamente cidade. Uma *sub-ciudad*, *sub-urbe*, subúrbio. Há um comentário de outro crítico, Arturo Capdevilla, a respeito, dos mais interessantes:

Así, en Carriego, no es la ciudad, la metrópoli, lo que cobra conciencia poética de sí; es el barrio. La ciudad ha crecido tanto y de manera tan desmesurada que su unidad se ha roto. Existen Palermo, la Boca, Flores, el Centro. Buenos Aires, no.¹⁰

O crítico está se referindo a um costume bastante enraizado em Buenos Aires, qual seja, o de uma constituição da identidade a partir do bairro, a partir de uma ver-

5 GIANELLO, Leoncio. Carriego y su mensaje perdurable. In: CARRIEGO, Evaristo. *Cuentos y otras páginas*. Santa Fé:Castelví, 1954. p.9.

6 GIUSTI, Roberto. Veinte años de vida. In: *Nosotros*, Buenos Aires: (219-220): 20, 1927. p.20.

7 CUITIÑO, Vicente Martínez. *El café de los inmortales*. Buenos Aires:Guillermo Kraft, 1954. Especialmente as páginas 101 a 107.

8 Evaristo Carriego nasceu na província de Entre Rios, norte da Argentina, em 1883, mas já na infância havia se transferido com a família para Buenos Aires. Desde então se fixaram, com um pequeno interregno, na capital argentina, mais propriamente no bairro de Palermo, onde Carriego veio a falecer no ano de 1912.

9 GUIANO, Juan Carlos. Evaristo Carriego. In: CARRIEGO, Evaristo. *Poesías*. Buenos Aires:Fabril Editora, 1964. p.16.

10 CAPDEVILLA, Arturo. Evaristo Carriego en dos estampas. In: CARRIEGO, Evaristo. *Poesías completas*. Buenos Aires:Jackson, 1944. p.xvi.

dadeira *patria chica*.¹¹ É claro que Carriego está profundamente vinculado a tudo isso. Beatriz Sarlo afirma: “Carriego se incorpora a esse panorama com su aporte fundamental: el barrio”.¹² De fato, há um consenso solidamente estabelecido, como já dito, que atribui a Carriego o título de *o poeta do arrabal portenho*, mesmo entre aqueles que o estigmatizam como poeta “menor”. Ninguém discute, portanto, esse seu caráter pioneiro. Todos concordam que ele efetivamente “inventou”, poeticamente, o subúrbio de Buenos Aires. Mas a questão que interessa aqui não é de precedência, e sim refletir sobre esse *deslocamento*, ou esse *deslizamento* a que Carriego submete a sua representação da cidade. Retomo Capdevilla, comentando a poesia de Carriego: “La ciudad há crecido tanto y de forma tan desmesurada que su unidad **se ha roto**. Existen Palermo, la Boca, Flores, el Centro. **Buenos Aires, no**”. Cabe a pergunta: até que ponto a solução barrial, a criação imaginária de uma *patria chica* não correspondeu, no caso da cultura portenha, a uma defesa, a uma forma de manutenção das relações comunitárias, próximas, de caráter mais emotivo, que foram sofrendo um processo contínuo de esgarçamento, de diluição, de desaparecimento mesmo, nos casos mais extremos. Fruto da cada vez maior metropolização que foi ocorrendo com o desenrolar do mundo moderno, como tão bem argumentou o sociólogo Georg Simmel, no seu célebre ensaio de 1902, intitulado “A metrópole e a vida mental”, onde lemos:

Assim, o tipo metropolitano de homem – que, naturalmente, existe em mil variantes individuais – desenvolve um órgão que o protege das correntes e discrepâncias ameaçadoras de sua ambição externa, as quais, do contrário, o desenraizariam. Ele reage com a cabeça, ao invés de com o coração.¹³

Nada disso encontramos em Carriego, pelo contrário. Não temos em sua poesia aquele ritmo típico de uma metrópole. O poeta argentino se punha longe das “luzes da cidade”. Daí o seu ritmo mais pausado, mais suburbano. Além disso, com Evaristo Carriego andamos não só pelas ruas, praças e esquinas do bairro, mas entramos dentro das suas casas, convivemos com seus moradores, observamos suas ações, principalmente escutamos suas vozes, conforme podemos constatar no poema “Sola”, da seção “La canción del barrio”, de seu segundo livro, *Poemas póstumos*, publicado pelo seu irmão no ano seguinte ao de sua morte. Sentimo-nos verdadeiramente “em casa”, como que participando daquela família ali representada. Ali e em todos os outros 18 poemas da seção a que pertence esse poema: trata-se da mesma família, sem dúvida. Eis a segunda das cinco estrofes:

Bueno. Por fin estás sola ... No hay nadie,
Todas las amigas se fueron
Y se halla en silencio la casa.
La abuela descansa, y los chicos

11 A expressão *patria chica* foi mais de uma vez utilizada por Borges nos seus textos dos anos de 1920, mas é possível que ela tenha sido criada antes. De qualquer modo, ganhou com Borges uma dimensão até então nunca alcançada, e a obra de Carriego, sem dúvida, foi decisiva para que isso viesse a ocorrer.

12 SARLO, Beatriz. La poesía en el avance del siglo. In: *Capítulo. La historia de la literatura argentina*. Fascículo 33. Buenos Aires: Centro Editor de América Latina, s.d. p.722.

13 SIMMEL, Georg. A metrópole e a vida mental. In: VELHO, Otávio Guilherme. (Org.) *O fenômeno urbano*. São Paulo: Zahar, 1979. p.12.

En el distante comedor
Juegan despacio, sin dar gritos.
Apenas si afuera, en la calle,
Persiste un rumor apagado
De voces. Estás sola, sola,
En la paz grave de tu cuarto.¹⁴

Neste e nos demais poemas da seção iremos encontrar aquele estilo *conversado* do portenho, que o jovem Borges tanto admirava, e que foi um dos motivos que o fez aproximar-se de Carriego, “permanente conversador que conocí en mi infancia, en los domingos de la calle Serrano”.¹⁵ O caráter de marcada oralidade para o qual foi se dirigindo a poesia do autor de *La canción del barrio* tornou-a antecipatória de todo um tipo de poesia que iria se propagar pelo século XX, e que só mais recentemente a crítica carrieguiana tem explicitado e avaliado na sua real importância. O “eu lírico” de Carriego se pôs, cada vez mais, a dialogar, transmutando-se em inúmeras vozes do bairro, numa “conversa infinita”¹⁶ entre ... vizinhos. Muito a propósito, o escritor Ignacio Xurxo recorda, num comentário à obra do poeta do subúrbio portenho, que “según Sartre, solo se puede escribirse para Dios o para los vecinos”.¹⁷ E vizinhos como esses, conforme refere o amigo Marcelo del Mazo, “no saben cómo agradecer al muchacho la divulgación de su existencia”.¹⁸ De fato, a poesia de Carriego foi daquelas que podia ser lida pelos vizinhos do poeta, e por isso estabeleceu um alto grau de comunicação. Talvez não houvesse revolução maior na lírica contemporânea se isso viesse a acontecer de forma generalizada. Mas os tempos, decididamente, não estão para isso.¹⁹

Referências Bibliográficas

BORGES, Jorge Luis. Carriego y el sentido del arrabal. In: _____. *El tamaño de mi esperanza*. Barcelona:Seix Barral, 1994.

BENJAMIN, Walter. *Magia e técnica, arte e política*. 2. ed. São Paulo:Brasiliense, 1986. Obras Escolhidas.

BERMAN, Marshall. *Tudo que é sólido desmancha no ar*. São Paulo:Cia.das Letras, 1986.

CAPDEVILLA, Arturo. Evaristo Carriego en dos estampas. In: CARRIEGO, Evaristo. *Poesías completas*. Buenos Aires:Jackson, 1944.

CARRIEGO, Evaristo. *Obra completa*. Org. Marcela Ciruzzi. Buenos

14 CARRIEGO, Evaristo. *Obra completa*. Org. Marcela Ciruzzi. Buenos Aires:Corregidor, 1999. p.164.

15 BORGES, Jorge Luis. Carriego y el sentido del arrabal. In: _____. *El tamaño de mi esperanza*. Barcelona:Seix Barral, 1994. p.28.

16 Faço aqui, naturalmente, uma homenagem bem-humorada ao grande crítico e escritor Maurice Blanchot, autor do livro *A conversa infinita*.

17 Apud CARRIEGO, Evaristo. *Obra completa*. Org. Marcela Ciruzzi. Buenos Aires:Corregidor, 1999. p.248.

18 MAZO, Marcelo del. Evaristo Carriego. In *Nosotros*, Buenos Aires: (19): 202, oct. 1937.

19 Sobre o assunto, remeto o leitor a um ensaio de Benjamin muito conhecido, e que busca estabelecer em Baudelaire e sua época o início desse processo, quando a lírica iria paulatinamente se distanciar de um público mais vasto, restringindo-se cada vez mais a uma pequena “elite” de leitores, tal como ocorre hoje. Trata-se de “Sobre alguns temas em Baudelaire” in: BENJAMIN, Walter. *Charles Baudelaire, um lírico no auge do capitalismo*. São Paulo:Brasiliense, 1989. Obras escolhidas III.

Ilha de Santa Catarina

Aires:Corregidor, 1999.

CUITIÑO, Vicente Martínez. *El café de los inmortales*. Buenos Aires:Guillermo Kraft, 1954. Especialmente as páginas 101 a 107.

GIANELLO, Leoncio. Carriego y su mensaje perdurable. In: CARRIEGO, Evaristo. *Cuentos y otras páginas*. Santa Fé:Castelví, 1954.

GIUSTI, Roberto. Veinte años de vida. In *Nosotros*, Buenos Aires: (219-220): 20, 1927.

GUIANO, Juan Carlos. Evaristo Carriego. In: CARRIEGO, Evaristo. *Poesías*. Buenos Aires:Fabril Editora, 1964.

MAZO, Marcelo del. Evaristo Carriego. In *Nosotros*, Buenos Aires: (19): 202, oct. 1937.

SALAS, Horacio. *La poesía de Buenos Aires*. Buenos Aires:Pleamar, 1968.

SARLO, Beatriz. La poesía en el avance del siglo. In: *Capítulo. La historia de la literatura argentina*. Fascículo 33. Buenos Aires:Centro Editor de América Latina, s.d.

SIMMEL, Georg. A metrópole e a vida mental. In: VELHO, Otávio Guilherme. (Org.) *O fenômeno urbano*. São Paulo:Zahar, 1979.